



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

THAIS DE OLIVEIRA FREIRE SANTOS

**JUVENTUDE NEGRA: IDENTIDADE E PRECONCEITO RACIAL NO MUNICÍPIO
DE SERRA DO MEL/RN**

MOSSORÓ

2018

THAIS DE OLIVEIRA FREIRE SANTOS

**JUVENTUDE NEGRA: IDENTIDADE E PRECONCEITO RACIAL NO MUNICÍPIO
DE SERRA DO MEL/RN**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo com habilitação na área de Ciências Humanas e Sociais

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Janaiky Pereira de Almeida

MOSSORÓ

2018

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237j Santos, Thais de Oliveira Freire .
Juventude Negra: Identidade e preconceito
racial no Município de Serra do Mel/RN / Thais de
Oliveira Freire Santos. - 2018.
49 f. : il.
Orientadora: Janaiky Pereira Almeida .
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2018.
1. Jovens Negros/as. 2. Identidade . 3.
Preconceito e Discriminação Racial. I. Almeida ,
Janaiky Pereira , orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

THAIS DE OLIVEIRA FREIRE SANTOS

**JUVENTUDE NEGRA: IDENTIDADE E PRECONCEITO RACIAL NO MUNICÍPIO
DE SERRA DO MEL/RN**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de **Licenciada Interdisciplinar em Educação do Campo** com habilitação na área de Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 10 / 09/ 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Janaiky Pereira de Almeida - UFERSA
Presidente

Prof. Dr^a. Gerciane Maria da Costa Oliveira - UFERSA
Membro Examinado

Prof. Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira - UNILAB
Membro Examinador

Ao meu pai Paulo Cesar
À minha mãe Joelma Maria e
Ao meu esposo Alex Santos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que permitiu que esse sonho se concretizasse, que a todo momento me deu força e coragem para concluir este trabalho e por ser essencial em minha vida.

Em segundo gostaria de transmitir meus sinceros agradecimentos a toda Equipe e aos Jovens da Escola Estadual Padre José de Anchieta, que de maneira ímpar contribuíram para a realização da pesquisa deste referido trabalho monográfico.

A minha Orientadora Prof^ª. Dra. Janaiky Pereira de Almeida pela orientação, por todo apoio, confiança, pelo empenho dedicado as correções deste trabalho monográfico e principalmente em contribuir de forma ímpar para minha formação.

Agradeço a todos os/as Mestres por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas, a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação, não somente por terem me ensinado, mas, por terem me feito aprender.

Um agradecimento especial e final aos meus pais Paulo Cesar Dantas Freire, Joelma Maria de Oliveira, e ao meu esposo Alex Sandro dos Santos, que sempre estiveram ao meu lado, dando amor, apoio e incentivo incondicionalmente tanto nos momentos de escrita deste trabalho monográfico, quanto em toda minha vida acadêmica.

Nossa pretensão é de uma sociedade não racial... Estamos Lutando por uma sociedade em que o povo deixará de pensar em termos de cor... Não é uma questão de raça, é uma questão de ideias.

Nelson Mandela

RESUMO

O referido trabalho monográfico faz um percurso de discussões sobre como está estruturado o racismo no Brasil e os fundamentos da desigualdade pautada na dimensão racial. Elenca também os desafios da juventude negra no espaço escolar e na sociedade, interligando com discussões sobre a consciência como afirmação e negação da condição de ser jovem na sociedade racista. A pesquisa que desencadeou este trabalho foi realizada na Escola Estadual Padre José de Anchieta no município de Serra do Mel/RN atendendo aos objetivos de analisar quais as principais expressões de preconceito vivenciadas por jovens negros/as da referida escola; identificar quais os fatores de afirmação e negação da identidade racial entre eles/elas e conhecer os principais espaços de vivência de discriminação racial apontados pelos/as jovens. A pesquisa torna-se pertinente por descobrir quais fatores influenciam para o processo de afirmação ou negação da identidade racial desses/as jovens. Através desse percurso chegou-se a conclusão que a maioria dos/as jovens das duas turmas do 3º ano do Ensino Médio são negros/pardos, e que sofriam preconceito, tendo como espaço de vivência de tais preconceitos o âmbito escolar. Identificou-se também que o fator que leva a negação da identidade racial desses/as jovens está diretamente ligado a sociabilidade em que crescem em uma cultura de negação de si mesmos como parte da negação da valorização da cultura negra na sociedade. Outro elemento identificado na pesquisa foi que as principais expressões de preconceitos vivenciadas pelos/as mesmos/as, eram através de brincadeiras, apelidos e ditados populares preconceituosos. Assim chegamos ao apontamento do racismo como uma dimensão estrutural na sociedade brasileira e que causa discriminação e distintas formas de violência contra a população negra.

Palavras - chave: Jovens Negros/as. Identidade. Preconceito e Discriminação Racial.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dr	Doutor
EAJ	Escola Técnica de Jundiaí
EEPJA	Escola Estadual Padre José de Anchieta
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso Ensino Técnico e Emprego
SUS	Sistema Único de Saúde
Sra	Senhora
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Distribuição Percentual da População por Cor/Raça, segundo Situação de Pobreza Definida com Base no Programa Brasil sem Miséria e Localização do Domicílio- Brasil e Regiões, 1995 a 2015.....	16
Tabela 2	–	Proporção de ocupados/as sindicalizados/as de 16 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça e posição na ocupação - Brasil, 1995 a 2015	18
Tabela 3	–	Proporção de Atendimentos Cobertos pelo SUS, por Sexo, segundo Cor/Raça - Brasil e Regiões, 1998, 2003 e 2008	20
Tabela 3.1	–	Cobertura de Planos de Saúde, por Sexo, segundo Cor/Raça - Brasil e Regiões, 1998, 2003 e 2008	21
Tabela 4	–	Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça - Brasil e Regiões, 1995 a 2015	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ESTRUTURA DO RACISMO NO BRASIL	13
2.1	POPULAÇÃO BRASILEIRA E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE PAUTADA NA DIMENSÃO RACIAL	14
2.1.1	NEGRITUDE E POBREZA.....	16
2.2	PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL.....	24
3	JUVENTUDE NEGRA E OS DESAFIOS NO ESPAÇO ESCOLAR E NA SOCIEDADE	27
3.1	JUVENTUDE NEGRA E O ESPAÇO ESCOLAR.....	27
3.2	A CONSCIÊNCIA COMO AFIRMAÇÃO E NEGAÇÃO DA CONDIÇÃO DE SER JOVEM NA SOCIEDADE.....	30
3.2. 1	IDEOLOGIA E CULTURA NEGRA.....	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERENCIAS	40
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PRIMEIRA PARTE DA PESQUISA	42
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE OFICINA	44
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO I DA OFICINA	46
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO II DA OFICINA	47

1 INTRODUÇÃO

Os/as jovens negros/as têm certa resistência para declarar-se ou afirmar-se ‘negros/as’. Essa resistência pode estar associada ao preconceito e a discriminação racial que os/as mesmos/as podem sofrer pela sua identidade racial, na sociedade. Salientamos que, tanto a discriminação racial, quanto o preconceito é uma ação de exclusão social. Ao se negarem enquanto pessoas negras os/as jovens expressam uma ideologia do branqueamento pautada na valorização da raça branca e de negação de todos os elementos relacionados a cultura afro-brasileira.

Sobre o racismo, como uma das expressões de preconceito direcionado às pessoas negras, levamos em consideração a denominação de preconceito expressa por Heller (2014), ao apontar o preconceito como uma categoria do pensamento do comportamento cotidiano do ser humano.

Não podemos falar de preconceito racial sem ressaltar a discriminação racial, ambos estão paralelamente ligados. O preconceito racial é comum no Brasil, segundo Theodoro (2017) o preconceito racial se entende como fenômenos de ordem subjetiva, expressando-se por meio de valores, ideias e sentimentos, ou seja, é um juízo pré-concebido, que se manifesta numa atitude discriminatória perante as pessoas, sendo uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério. E a discriminação racial é entendida pelo mesmo, como ação de exclusão, a mesma tem a finalidade ou efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública.

O processo de investigação que gerou este trabalho surgiu a partir de experiências vivenciadas pela própria pesquisadora, na questão da auto-afirmação como pessoa negra, de saber o que é ser negro/a, e a partir dessas concepções, identificar as diversas expressões do preconceito. Desde criança que a mesma sofria preconceito e discriminação racial, mas não sabia identificar esses fatores em sua vida. Houve vivências de preconceito pela própria família, em relação a sua cor, no espaço escolar foi onde tudo piorou, principalmente na adolescência, quando ouvia-se apelidos, que a mesma achava encarava como brincadeira, até não gostava, mas, aceitava. Várias formas de exclusão por conta da cor, ninguém queria andar com a “Negrinha”, a qual não queria ser chamada de tal. O processo de afirmação da mesma aconteceu a partir do momento em que entrou na Universidade, e começou a ter conhecimento de suas origens, da cultura, de sua afirmação enquanto mulher negra, e a partir desses conhecimentos, passou a se identificar como Negra, e passou a resistir ao preconceito e a

discriminação racial através do orgulho de sua cor, sua história. Mediante a esse processo, a pesquisadora incomodou-se em conhecer o processo de afirmação dos/as demais jovens, assim como ela, e passar esse conhecimento.

O presente trabalho monográfico partiu do questionamento, sobre que fatores influenciam para o processo de afirmação ou negação da identidade racial entre jovens da Escola Estadual padre José de Anchieta. Tendo como objetivo, analisar quais as principais expressões de preconceito vivenciado por esses/as jovens negros/as.

A Escola Estadual Padre Jose de Anchieta, localizada no centro de Serra do Mel, foi fundada em 09 de Abril de 1972, o Projeto Político Pedagógico¹ (PPP) adotado, tem como missão social “promover a educação-formação cidadã, além de sediar eventos culturais diversos, tanto da própria escola, quanto, também, da própria cidade”. Atende 850 alunos ao todo, sendo estes, distribuídos entre o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A referida escola, está localizada no município de Serra do Mel/RN, o mesmo está dividido em vilas comunitárias de produção rural, sendo 23 habitacional (22 rurais e 1 central/urbana) que receberam cada uma o nome de um estado brasileiro. O sistema educacional no município de Serra do Mel é formado pelas redes municipal e estadual, abrangendo atividades nos níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No município existe 22 estabelecimentos de ensino, sendo 3 na zona urbana e 19 na zona rural.

A pesquisa de campo de caráter quali-quantitativa caracterizada como descritiva/analítica, foi realizada com jovens das turmas de 3º ano do Ensino Médio identificando quais os fatores de afirmação e negação da identidade racial entre eles/as e os principais espaços de vivência de discriminação racial apontados pelo/as jovens. O processo metodológico da pesquisa, deu-se através de dois momentos. No primeiro momento foi aplicado um questionário para 56 jovens de 2 turmas do 3º ano do Ensino Médio, pois no momento da pesquisa, a escola só atendia apenas 2 turmas de 3º ano. No segundo momento, a partir dos resultados obtidos do questionário, através da tabulação dos dados, foi realizada uma oficina com os/as jovens de raça/etnia negro/pardo.

Para além dessa introdução, o presente trabalho monográfico consiste na composição dos seguintes itens: o primeiro capítulo que é a Estrutura do racismo no Brasil, está dividido

¹ A escola ainda não possui um PPP de autoria da própria. O que é utilizado como PPP da escola é, na verdade, o projeto do Curso Técnico em Apicultura, ofertado pelo Programa Nacional de Acesso Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) em parceria com a Escola Agrícola de Jundiá (EAJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), através da escola.

nos tópicos População brasileira e os fundamentos da desigualdade pautada na dimensão racial, Preconceito e discriminação racial e no sub-tópico negritude e pobreza. Nesse item argumenta-se como o racismo se estrutura desde a formação social brasileira e quais seus rebatimentos e continuidades nos dias atuais fazendo-se um percurso em discussões como a relação entre raça e pobreza. Elencamos também nesta primeira parte como o racismo está camuflado na sociedade brasileira, sendo subentendido apenas como uma expressão de preconceito, e ao adentrar na discussão de preconceito, será discutido também a relação entre preconceito racial e discriminação racial.

No segundo capítulo que é a Juventude negra e os desafios no espaço escolar e na sociedade, está dividido nos tópicos: Juventude negra no espaço escolar; A consciência como afirmação e negação da condição de ser jovem na sociedade e o sub-tópico Ideologia e cultura negra, onde, apresentamos alguns desafios enfrentados pelos/as jovens negros/as na sociedade e no espaço escolar. Discutiremos questões que pretendem mostrar como a sociedade olha para o/a jovem negro/a e como tais visões tem interferência na consciência dos/as jovens em relação a sua cor, abordando também, a democracia racial e a desigualdade racial, sem esquecer-se da cultura. A discussão do capítulo dois, está interligada com os resultados da pesquisa de campo, mencionada anteriormente.

E por fim as considerações finais as quais abordam um breve resumo do tema e o que foi analisado no desenvolvimento da monografia, uma breve explicação da importância do tema para o local da pesquisa e para a sociedade, demonstrando que todas as indagações, problemáticas foram respondidas e que todos os objetivos foram contemplados, apresentando assim, sugestões de uma futura evolução da referida pesquisa.

2. ESTRUTURA DO RACISMO NO BRASIL

O racismo no Brasil perdura desde a colonização brasileira, “[...] a história da colonização e da escravidão patriarcal no Brasil determinaram uma dinâmica particular para a formação das classes sociais no país.” (CISNE e SANTOS, 2018, p. 101.). As autoras explicam aqui, que a escravidão e o patriarcado foram peças fundamentais para o racismo que enfrentamos hoje, de forma que, na colonização do Brasil, a maior parte da mão de obra era de negros/as, trazidos/as de África.

As condições de vida da população negra escravizada eram precárias, passavam o dia nas lavouras de café e cana-de-açúcar e após o trabalho, à noite, dormiam nas senzalas. Enquanto isso, os donos das fazendas, senhores dos engenhos, brancos, se deleitavam no conforto da casa grande, juntamente com suas “sinhazinhas”². As mulheres negras escravizadas além de servirem como amas de leite para os filhos das “sinhazinhas”, para cozinhar, limpar e servirem aos seus senhores sexualmente, (por meio do estupro), elas eram consideradas reprodutoras de pessoas negras/os a serem escravizados/as. Com essas condições de vida, os/as negros/as escravizados se quer tinham vida social, ou lhes era permitido expressar quaisquer dimensões de sua cultura e religiosidade.

“As marcas do patriarcado e do racismo, enraizadas nesses períodos históricos, deixam seu legado fortemente presente nas relações sociais e nos marcos que os sucederam.” (CISNE e SANTOS, 2018, p. 102). As marcas do racismo as quais foram enraizadas como ratificam as autoras, nada mais são que, a forma como os/as negros/as são tratados na sociedade atual. A sociedade, de maneira geral, ainda trata a população negra como pessoas sem importância ou valoração social e isto se expressa em todas as dimensões pessoais e profissionais em que a população negra está inserida, como veremos mais a frente.

Constantemente a população negra passa por inúmeros desafios para se inserirem no mercado de trabalho, justificado apenas pela expressão de sua cor de pele. De maneira geral, ocupam espaços de profissões de menor reconhecimento profissional e qualificação como, auxiliar de serviços gerais, jardineiro, trabalhadora doméstica, de motorista, etc. Profissões estas, historicamente com baixa remuneração. A sociedade de hoje racista e eurocentrica sempre impôs o lugar da população negra, mas a luta, embate e resistência de homens e mulheres negras possibilitou sua visibilidade como sujeitos do seu contexto histórico.

² Não negamos aqui que mesmo as “sinhazinhas” sofrem pela expressão do patriarcado. Apenas apresentamos o agravante do racismo na sociedade patriarcal e capitalista.

2.1 POPULAÇÃO BRASILEIRA E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE PAUTADA NA DIMENSÃO RACIAL.

A população brasileira se constituiu desde a colonização do Brasil, por homens e mulheres africanos/as, brancos/as e indígenas. A história nos mostra como os/as negros/as sofreram no passado com a escravidão e o preconceito. Separados/as dos/as pessoas brancas, os/as negros/as não eram respeitados e a discriminação não era algo raro.

Negros e brancos não chegam ao mundo com a consciência das circunstâncias que transformaram as diferenças fenotípicas em desigualdades de oportunidades sociais com base na cor, na raça e no pertencimento étnico. O primeiro passo, a meu ver, para (des) construir os efeitos perversos dessas desigualdades sociais, que têm como fonte primordial hierarquias raciais, é reconhecê-las na magnitude de sua influência na vida econômica, política e cultural daqueles que foram construídos como subalternos (SILVÉRIO, 2007. p. 141)

No Brasil há um grande número de pessoas negras, e, mesmo assim, negros/as continuam sendo o maior alvo da violência, estando inseridos/as em situações de desigualdades na sociedade em geral, a exemplo da diferenciação salarial, e dos maiores desafios para acesso a políticas de saúde, educação, moradia, dentre outras questões. Apesar de serem mais da metade da população brasileira, os/as negros/as estão subrepresentados/as e invisíveis. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), os/as negros/as (pretos/as e pardos/as) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Os brasileiros/as que se declaravam brancos/as eram 45,5%.

Remetendo um pouco ao período da colonização, mesmo as pessoas negras escravizadas tiveram uma contribuição na formação brasileira como explica Prado Jr (1996).

A contribuição do escravo preto ou índio para a formação brasileira é além daquela energia motriz quase nula. Não que deixasse de concorrer, e muito, para a nossa "cultura", no sentido amplo em que a antropologia emprega a expressão; mas é antes uma contribuição passiva, resultante do simples fato da presença dele e da considerável difusão do seu sangue, que uma intervenção ativa e construtora. (PRADO JR, 1996. p. 272).

A cultura dos povos negros resistiu no período da colonização e vem resistindo nos dias atuais, principalmente com sua religiosidade, e também com sua visibilidade. Hoje a população negra tem o direito de ingressar nas Universidades Públicas, através do sistema de cotas, a população negra tem direito a 20% das vagas dos concursos públicos através da Lei

12.990/14³. Mesmo sabendo que a contribuição das população negra escravizada e índios não são tão visíveis, mas, a presença dos seus sangues é forte, assim como sua intervenção construtora como coloca o autor.

Contemplamos também essa contribuição passiva pela presença dos povos negros na população, o simples fato dele estar inserido, fazer parte, de podermos identificar que não é só na África que encontramos negros/as, mas, que no Brasil também existe, e que a população brasileira tem sua maioria negra.

O negro e o índio teriam tido certamente outro papel na formação brasileira, e papel amplo e fecundo, se diverso tivesse sido o rumo dado à colonização; se tivesse procurado neles, ou aceitado uma colaboração menos unilateral e mais larga que a do simples esforço físico. (PRADO JR, 1996. p. 273).

O papel da população negra na formação brasileira teria sido outro, se os europeus tivessem enxergado a população negra escravizada de outra forma, pois naquele período a única coisa que os mesmos procuravam nos povos negros, era sua força física, isto é, sua mão de obra. Se ao invés de explorar apenas sua força física, tivessem reconhecido a cultura, seus costumes, suas religiões e se esses reconhecimentos tivessem de fato se concretizado, o papel da população negra teria sido outro.

O negro ou mulato escuro, este não podia abrigar quaisquer esperanças, por melhores que fossem suas aptidões: inscrevia-se nele, indelevelmente, o estigma de uma raça que à força de se manter nos ínfimos degraus da escala social, acabou confundindo-se com eles. "Negro" ou "preto" são na colônia, e sê-lo-ão ainda por muito tempo, termos pejorativos; empregam-se até como sinônimos de "escravo". E o indivíduo daquela cor, mesmo quando não o é, trata-se como tal. (PRADO JR, 1996. p. 274).

Fazendo-se uma relação com que Prado Jr (1996) acaba de ressaltar, essas frases pejorativas e esse tratamento dados as pessoas escravizadas na época da colonização a qual reflete nos dias vigentes são corriqueiros, muitas pessoas ainda tem em mente que, “os negros” são pessoas de má índole ou condutas inconvenientes.⁴

³ Art. 1º Ficam reservadas aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União, na forma desta Lei.

⁴ O cantor e compositor de reggae Edson Gomes, em sua música a qual tem como título “Barrados”, na letra ele explica muito bem essas associações pejorativas as quais perpassam da época da colonização até os dias atuais. A letra da musica, ressalta a vida de jovem negro, que ao chegar ao condomínio onde reside, uma senhora branca ao avistar segura sua bolsa, apertando-a, pois achou que o mesmo era um ladrão. E por fim ele vai dizer que são cenas da cidade dele, dizendo que essa sociedade a qual ele pertencia estava doente.

Acessar a letra da musica em: <https://www.vagalume.com.br/edson-gomes/barrados.html>

2.1.1. NEGRITUDE E POBREZA.

A sociedade não vislumbra e/ou reconhece que por vários fatores, que são estruturais e alheio as suas vontades, a maioria dos/as negros/as vivem em condições não tão favoráveis, que por causa de falta de acesso à educação, saúde, moradia, a uma vida digna, há interferência no seu processo educacional e a forma e espaços que se inserem na sociedade de maneira mais marginalizada.

Essa realidade está posta em dados. A partir de agora vamos observar esses dados através de tabelas elaboradas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA/DISOC) com base em dados do IBGE e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a tabela a seguir mostra dados da população brasileira em relação à cor/etnia e situação de pobreza dos anos de 1995 até o ano de 2015, sendo que, nos anos de 2000 e 2010 a pesquisa não foi realizada. O Infográfico expresso nos “Retratos da desigualdade – gênero e raça” apresenta visivelmente a diferença salarial entre a população negra e a população Branca.

Tabela 1. Distribuição Percentual da População por Cor/Raça, segundo Situação de Pobreza Definida com Base no Programa Brasil sem Miséria⁽¹⁾ e Localização do Domicílio- Brasil e Regiões, 1995 a 2015.

Região / Localização do Domicílio	Situação de Pobreza	Total																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	Extremamente Pobre	7,6	8,1	7,9	6,8	7,0	7,7	6,5	6,8	5,8	5,2	4,3	4,4	3,7	3,7	3,7	3,0	3,3	2,2	2,7
	Pobre	12,6	12,3	12,3	12,2	13,1	12,7	12,9	12,7	11,7	10,5	8,8	7,4	6,6	6,2	4,5	3,8	3,6	3,3	3,8
	Vulnerável	55,1	53,5	53,7	55,4	55,7	55,0	56,0	56,8	58,3	58,3	58,3	57,7	57,5	56,7	55,0	53,1	48,5	47,8	52,8
	Não Pobre	24,7	26,1	26,0	25,6	24,2	24,6	24,6	23,8	24,1	26,1	28,7	30,6	32,2	33,5	36,8	40,1	44,6	46,8	40,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Região / Localização do	Situação de Pobreza	Branca																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	Extremamente Pobre	4,0	4,6	4,3	3,7	3,9	4,4	3,8	3,7	3,2	3,0	2,4	2,7	2,3	2,2	2,3	1,9	2,1	1,3	1,6
	Pobre	7,7	7,5	7,3	7,1	8,0	7,8	8,0	7,6	7,0	6,0	4,9	3,9	3,6	3,5	2,4	1,9	1,8	1,7	2,0
	Vulnerável	53,3	51,5	51,5	53,1	53,6	52,6	53,6	54,2	54,9	53,5	51,9	50,3	49,5	48,3	46,4	42,8	38,5	37,5	42,7
	Não Pobre	35,0	36,4	36,9	36,1	34,6	35,2	34,6	34,5	34,9	37,5	40,8	43,1	44,6	46,1	48,9	53,4	57,6	59,6	53,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Região / Localização do	Situação de Pobreza	Negra																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	Extremamente Pobre	11,9	12,4	12,3	10,5	10,8	11,4	9,6	10,2	8,6	7,4	6,1	6,1	5,0	5,0	4,9	3,9	4,2	2,9	3,6
	Pobre	18,5	18,4	18,4	18,2	19,2	18,4	18,5	18,2	16,7	14,9	12,6	10,7	9,4	8,7	6,5	5,5	5,1	4,6	5,3
	Vulnerável	57,4	56,1	56,3	58,2	58,3	57,8	58,7	59,6	62,0	63,2	64,6	64,9	65,2	64,5	63,0	62,0	57,2	56,4	61,1
	Não Pobre	12,2	13,1	12,9	13,1	11,7	12,3	13,1	12,1	12,7	14,6	16,7	18,4	20,5	21,8	25,6	28,5	33,5	36,1	29,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE/PNAD⁵

5

Elaboração: IPEA/DISOC

* a PNAD não foi realizada nos anos de 2000 e 2010

** em 2004 a PNAD passa a contemplar a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

*** a população negra é composta por pretos e pardos

Como podemos observar a tabela⁶ mostra que, a população brasileira tem sua maioria negra, sendo que os/as pardos/as estão inclusos dentro da população negra. Observa-se também que a diferença em números é nítida, isto é, extremamente visíveis, fazendo uma comparação da população branca e da negra no item de *Extremamente Pobre* no ano de 1995, vemos que na branca era 4% enquanto na negra era 11,9%. Percebemos aí uma diferença alarmante, pois a população negra apresenta um índice de pobreza 7,9% a mais que a população branca. Já no ano de 2015 nesse mesmo item percebemos que a situação melhorou para ambos, mas, a população negra não deixou de ser extremamente mais pobre que a branca. Vemos que, no ano de 2015 a branca tem 1,6% enquanto a negra tem 3,6%. Observamos que com o passar dos anos a diferença veio a diminuir, mas, que ainda existe.

E quando fazemos a comparação com a mesma raça/cor⁷ em relação ao item *Não Pobre*, no ano de 1995, vemos que a população branca era 35% enquanto a negra era 12,2%. Percebemos então, a diferença de 22,8%. E quando fazemos a mesma comparação com o mesmo item no ano de 2015 vemos que a população branca era 53,7% enquanto a negra era 29,9%. Há uma diferença de 23,8%. Pegando os dois anos comparados observamos que, no decorrer de 20 anos essa diferença aumentou em 1%.

Os dados expressos ratificam a fala do autor Prandi (1995), em sua afirmação de que “Como a imensa maioria dos negros está imersa na maioria pobre da população, confunde-se negritude com pobreza, quando não se justifica a condição de pobre como decorrência da própria condição negra” (PRANDI, 1995. p. 113).

Nesta citação o autor ratifica que, a maioria dos/as negros/as estão inseridos/as nas classes baixas, isto é, são pobres, não por culpa deles, mas sim, por falta de mais políticas públicas voltadas para a população negra.

Ao mencionar a expressão “vaga de emprego”, podemos observar dados relacionados ao mercado de trabalho da população negra e branca através de uma tabela elaborada pelo IPEA/DISOC com base em dados do IBGE/PNAD. A tabela a seguir mostra dados

**** situação de pobreza calculada com base no rendimento mensal domiciliar per capita deflacionado pelo INPC, período de referências set./2015

(¹) *Extremamente pobres* – renda domiciliar per capita de até R\$77; *Pobres* – renda domiciliar per capita maior ou igual a R\$ 77 e menor que

R\$ 154; *Vulneráveis* – renda domiciliar per capita maior ou igual a R\$ 154 e menor que R\$788; *Não pobres* – renda domiciliar per capita maior ou igual a R\$788 (um salário mínimo de 2015).

⁶ Tabela de número **10.10.a1**

Acessar tabela em: http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_pobreza_distribuicao_desigualdade_renda.html

⁷ Raça enquanto cor, referindo-se a pessoas de cor negra.

relacionados à proporção de ocupados/as sindicalizados/as de 16 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça e posição na ocupação - Brasil, 1995 a 2015, sendo que os anos de 2000 e 2010 a pesquisa não foi realizada.

Tabela 2. Proporção de ocupados/as sindicalizados/as de 16 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça e posição na ocupação - Brasil, 1995 a 2015.

Sexo	Posição na Ocupação	Total																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Total	Total	17,3	17,5	17,1	16,7	16,8	17,3	17,4	18,2	18,5	18,9	19,1	18,2	18,5	18,1	17,5	16,8	16,2	16,8	19,5
	Funcionário Público/Militar	34,5	35,0	36,6	34,8	37,2	37,6	37,5	37,0	37,8	39,1	39,9	38,2	37,7	37,8	33,5	32,9	33,1	35,0	40,0
	Empregado com Carteira Assinada	30,1	29,4	28,7	28,1	27,4	26,4	26,8	27,8	28,3	28,4	28,0	25,2	25,5	24,9	21,9	21,5	19,5	20,9	25,2
	Empregado sem Carteira Assinada	5,8	5,8	5,8	5,4	5,6	6,0	5,8	6,1	6,2	6,6	6,7	6,5	6,5	6,9	6,8	6,6	6,8	7,1	7,9
	Conta Própria	12,8	13,3	12,8	12,5	13,4	13,6	13,8	14,3	14,4	14,5	14,4	13,6	13,6	12,6	13,5	12,1	11,8	11,9	12,6
	Empregador	20,5	22,4	20,1	20,9	19,5	21,6	20,6	21,0	20,6	19,9	20,1	19,1	20,1	17,5	18,7	15,9	16,3	15,1	19,0
	Empregado Doméstico	0,8	1,2	1,0	1,0	1,1	1,4	1,4	1,7	1,5	1,8	2,0	1,9	2,0	2,2	2,7	2,6	2,8	2,9	4,0
	Outros	7,8	9,2	9,2	10,2	11,4	15,9	16,2	17,8	18,4	20,1	20,9	22,0	22,8	23,0	24,9	24,2	24,8	24,6	27,4
Sexo	Posição na Ocupação	Branca																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Total	Total	19,6	20,0	19,2	19,1	18,7	19,5	19,4	20,0	20,3	20,5	20,7	19,5	20,0	19,5	18,6	18,0	17,2	17,7	20,4
	Funcionário Público/Militar	35,7	37,2	38,5	37,1	39,0	39,3	39,1	38,8	39,5	40,9	41,0	39,0	38,7	38,1	33,7	32,6	33,7	34,9	39,8
	Empregado com Carteira Assinada	31,6	31,2	29,8	29,8	28,2	27,8	28,4	28,9	29,4	29,0	29,0	26,1	26,3	25,7	23,0	22,6	20,4	21,7	25,8
	Empregado sem Carteira Assinada	6,3	5,9	6,6	5,9	6,3	6,9	6,2	6,4	6,4	6,8	6,9	6,6	6,5	7,3	6,7	6,3	6,6	6,8	7,9
	Conta Própria	13,7	14,4	13,2	13,3	13,4	14,3	14,4	14,7	14,9	14,5	14,4	13,7	13,7	13,1	13,5	12,4	12,1	11,9	12,3
	Empregador	21,2	23,7	21,1	22,6	21,2	22,9	22,1	21,8	21,0	20,9	20,7	20,0	21,4	19,2	20,0	17,5	17,8	16,2	21,0
	Empregado Doméstico	1,0	1,6	1,1	1,0	1,1	1,3	1,4	1,4	1,5	1,7	2,1	1,9	1,9	2,0	2,7	2,3	2,2	2,6	3,2
	Outros	8,3	10,6	9,8	10,7	11,6	16,6	15,7	17,1	18,2	19,4	19,9	19,7	21,9	21,1	22,4	22,7	22,3	21,5	23,2
Sexo	Posição na Ocupação	Negra																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Total	Total	14,3	14,2	14,3	13,7	14,5	14,6	15,0	16,1	16,5	17,2	17,4	16,8	17,1	16,7	16,4	15,8	15,3	16,1	18,7
	Funcionário Público/Militar	32,4	31,3	33,4	31,1	34,2	34,9	34,9	34,3	35,3	36,6	38,3	37,1	36,4	37,4	33,2	33,2	32,5	35,1	40,1
	Empregado com Carteira Assinada	27,6	26,4	26,8	25,2	26,0	24,0	24,3	26,1	26,6	27,4	26,7	24,0	24,4	23,9	20,7	20,3	18,6	20,0	24,6
	Empregado sem Carteira Assinada	5,4	5,6	5,0	5,0	5,0	5,3	5,5	5,8	6,0	6,3	6,5	6,4	6,5	6,6	6,9	6,8	6,8	7,2	7,9
	Conta Própria	11,7	11,9	12,2	11,7	13,3	12,8	13,1	13,9	14,0	14,5	14,5	13,4	13,5	12,2	13,5	11,9	11,5	11,9	12,8
	Empregador	17,8	17,3	17,0	14,9	13,5	17,4	16,4	18,7	19,5	17,2	18,3	16,8	17,1	13,5	15,5	12,5	12,9	12,6	15,0
	Empregado Doméstico	0,6	0,9	1,0	0,9	1,0	1,5	1,4	1,8	1,6	1,8	1,9	1,9	2,1	2,3	2,7	2,7	3,1	3,1	4,4
	Outros	7,1	7,7	8,7	9,7	11,2	15,2	16,7	18,5	18,6	20,7	21,7	23,8	23,5	24,4	26,5	25,1	26,1	26,5	29,7

Fonte: IBGE/PNAD⁸

Como podemos analisar, a tabela⁹ mostra itens como funcionário público/militar, empregado com carteira assinada, empregado sem carteira assinada, conta própria, empregador, empregado doméstico e outros. Ao comparar os dados do item funcionário público/militar a população branca no ano de 1998 era de 37,1% enquanto a população negra era de 31,1% percebemos então, uma diferença de 6%. E se comparamos o mesmo item no de 2008 vemos que a população branca era de 38,7% enquanto a negra era 36,4% percebe-se, uma diferença de 2,3%. E ao compararmos os dois anos, percebe-se que no decorrer de 10 anos a diferença cai de 6%, para 2,3%, mas, mesmo com essa queda a diferença ainda existe.

Tal diferença, mesmo nas instâncias públicas profissionais expressa o processo de exclusão não por escolha individual, mas por uma trajetória de negação de direitos, desde a educação a falta de acesso a outras políticas públicas que impede a população negra de galgar trabalhos formais regulamentados.

Analisando a tabela, ao pegarmos o item *empregador*, e fazendo novamente uma comparação entre as populações branca e negra. No ano de 1999 vemos que a população branca era de 21,2% enquanto a negra era de 13,5% tendo aí a diferença de 7,7%. Pegando o mesmo item e analisando o ano de 2015 a população branca era de 21% enquanto a negra era de 15% percebe-se uma diferença de 6%. E comparando os dois anos no decorrer de 16 anos a diferença sai de 7,7 e passa a ser de 6,0, diminuindo apenas 1%,0.

Outro aspecto o qual é importante apresentar os dados é em relação à saúde, como as populações estão sendo atendidas, será que existia ou existe igualdade ao acesso a saúde entre as populações brancas e negras, em relação a saúde pública e a saúde privada, isto é, os planos de saúde? Em relação à saúde pública a qual sabemos que não é tão boa, podemos analisar a tabela Proporção de Atendimentos Cobertos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por Sexo, segundo Cor/Raça, nos anos de 1998, 2003 e 2008.

⁹ Tabela de número 6.5.a.1

Acessar tabela em: http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html

Tabela 3. Proporção de Atendimentos Cobertos pelo SUS, por Sexo, segundo Cor/Raça - Brasil e Regiões, 1998, 2003 e 2008

Cor/Raça	Região	Total		
		1998	2003	2008
Total	Brasil	51,2	58,2	56,4
Branca	Brasil	42,3	48,9	47,1
Negra	Brasil	64,7	70,7	67,0

Fonte: IBGE/PNAD - Suplemento Saúde¹⁰

Ao analisar essa tabela¹¹ podemos observar que a população negra que era atendida pela saúde pública, no ano de 1998 era 64,7% no ano de 2003 era 70,7% e no de 2008 era 67%. Enquanto a branca no de 1998 era 42,3% no ano 2003 era 48,9% e no ano de 2008 era 47,1%. Ao analisar esses dados podemos observar que existe uma diferença enorme entre as populações negra e branca e quem mais usa o sistema do SUS é a população negra. No ano de 1998 essa diferença é de 22,4%, no ano de 2003 é de 21,8% e no ano de 2008 é de 19,9%. Observamos que no decorrer de 10 anos, essa diferença diminuiu, sabemos também que a saúde pública ofertada pelo SUS, ou seja, a saúde que a população negra usufrui, não é muito boa e ágil, mas, é a que a mesma pode contar e usar, por não ter condições de ir para privada.

E agora vamos analisar a tabela de Cobertura de Planos de Saúde, por Sexo, segundo Cor/Raça, nos anos de 1998, 2003 e 2008, ou seja, essa tabela apresenta dados dos mesmos anos da tabela anterior.

Tabela 3.1. Cobertura de Planos de Saúde, por Sexo, segundo Cor/Raça - Brasil e Regiões, 1998, 2003 e 2008

¹⁰

Elaboração: IPEA/DISOC

* a população negra é composta por pretos e pardos

** proporção de atendimentos cobertos pelo SUS em relação ao total de atendimentos

¹¹ Tabela de número 4.1b1

Acessar tabela em: http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_saude.html

Cor/Raça	Região	Total		
		1998	2003	2008
Total	Brasil	24,3	24,4	25,8
Branca	Brasil	32,4	33,2	34,9
Negra	Brasil	14,6	14,7	17,1

Fonte: IBGE/PNAD - Suplemento Saúde¹²

Nessa tabela¹³ pode-se observar que, a população branca que era atendida pela saúde privada, isto é, pelos planos de saúde no ano de 1998 era 32,4%, no de 2003 era 33,2% e no ano de 2008 era 34,9%. Enquanto a população negra no de 1998 era 14,6% no de 2003 era 14,7% e no ano de 2008 era 17,1%. A diferença entre as duas raças é nítida, pois no ano de 1998 essa diferença chegou a 17,8% no de 2003 era 18,5% e no ano de 2008 era de 17,8%.

Observa-se que no decorrer de 5 anos a diferença aumentou, mas, ao passar mais 5 anos ela diminuiu. Observamos também que os resultados das tabelas anteriores refletem nesta, na parte que mostra dados sobre a pobreza do Brasil e que a maioria da população pobre é negra. Não tem como um negro ganhando apenas um salário mínimo, sustentar a família e ainda pagar plano de saúde. Eles têm que esperar meses em uma fila de espera para uma cirurgia, para uma consulta, para receber um medicamento, e por aí vai. Por fim das contas, a população negra sempre esteve e continua em situação de desigualdade social. E por fim, o aspecto o qual iremos analisar através de mais uma tabela, é considerado o aspecto mais importante, na interface do tema abordado neste trabalho, que é a educação. Essa análise será feita através da tabela da Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça, nos de 1995 a 2015.

¹²

Elaboração: IPEA/DISOC

* a população negra é composta por pretos e pardos

¹³ Tabela de número 4.3a

Acessar tabela em: http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_saude.html

Tabela 4. Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade, por sexo, segundo cor/raça - Brasil e Regiões, 1995 a 2015.

Região	Cor/Raça	Total																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	Total	15,5	14,6	14,7	13,8	13,4	12,4	11,9	11,6	11,5	11,2	10,5	10,1	10,0	9,7	8,6	8,7	8,5	8,3	8,0
	Branca	9,5	9,3	9,0	8,4	8,3	7,7	7,5	7,1	7,2	7,1	6,6	6,2	6,2	5,9	5,3	5,3	5,2	5,0	4,9
	Negra	23,4	21,7	22,2	20,8	19,8	18,2	17,2	16,9	16,3	15,5	14,7	14,2	13,7	13,4	11,8	11,8	11,5	11,1	10,6

Fonte: IBGE/PNAD¹⁴

Podemos observar nessa tabela¹⁵ que no ano de 1995 a taxa de analfabetismo no total era de 15,5% sendo que a população branca era de 9,5% enquanto a população negra era de 23,4%, observamos a diferença de 13,9%. Já no ano de 2015 o total era de 8,0% sendo que a população branca era de 4,9%, enquanto a negra era de 10,6% tendo assim uma diferença de 5,7%. Conforme os dados, podemos observar que, a maior parte dos/as jovens de mais de 15 anos de idade analfabetos/as eram mais negros/as do que brancos/as.

Com esses dados, também podemos observar que a educação para a população negra no decorrer desses 10 anos melhorou, pois a diferença diminuiu, antes era de 13,9% e passou a ser 5,7%, tendo diminuído 8,2%. Nesse aspecto podemos observar também que, a educação foi e é dificultosa para a população negra e principalmente para negros/as pobres. Todos esses dados remetem, aos reflexos da primeira tabela, a qual mostra informações relacionadas à pobreza da população negra. É importante trazer em questão, como a população negra escravizada era vista na época da colonização, e que, ao observar as análises realizadas anteriormente das tabelas, reconhecemos que essa visão é reproduzida nos dias vigentes. Para

¹⁴

Elaboração: IPEA/DISOC

* a PNAD não foi realizada nos anos de 2000 e 2010

** em 2004 a PNAD passa a contemplar a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

*** a população negra é composta por pretos e pardos

**** a taxa de analfabetismo é o quociente da divisão do total de pessoas, nas categorias selecionadas, que não sabem ler ou escrever pela população

Total em tal categoria.

¹⁵ Tabela de número 3.4.a.2

Acessar tabela em: http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_educacao.html

melhor compreensão, Prandi (1995), evidencia a visão de muitas pessoas em relação aos negros/as, nos dias de hoje.

[...] negros são preguiçosos, sujos, fedorentos, metidos, despudorados, ignorantes, macumbeiros. Migrantes, são ainda bebedores, malandros e bandidos, cafetões e prostitutas. São as domésticas que se entregam à luxúria dos meninos de família. Gente desbocada e interessada no prazer, na dança maliciosa dos salões, avenidas, sambódromos e candomblés. Gente que gasta o dinheiro da difícil sobrevivência "pra fazer a fantasia", que faz de tudo para manter o luxo de seus deuses africanos, reiterando uma predisposição de ostentação e mau gosto. E mentem, sempre. Pobres porque preguiçosos e ignorantes, amontoam-se nas favelas e nos cortiços, vivendo do tráfico de drogas, do jogo do bicho, do pequeno e do grande crime. Personagens de uma tragédia social. (PRANDI, 1995. p. 115).

Nessa citação o autor mostra como o negro é visto, é chamado, é tratado no dia-a-dia. Muitos culpam os mesmos por sua condição de pobreza atribuindo-lhes a característica de preguiçosos porque não querem trabalhar desconsiderando toda a situação de desigualdade apresentada acima. Quando fala que só os negro/as vivem do jogo do bicho (o qual é proibido no Brasil), do tráfico de drogas nas favelas, ninguém se pergunta o “porque” que a maioria dos/as negros/as vivem nessa situação, ou seja, na situação de miséria. Será que eles vivem dessa forma por opção, porque querem viver assim, ou porque gostam de viver assim?

A sociedade a qual trata, ou enxerga os negros/as dessa forma, não se dão conta, ou até sabem, mais preferem omitir, os dados vistos anteriormente através das tabelas, à desigualdade racial gritante, que com o passar do tempo até tem diminuído, mas que, continua existindo. Ao se expressar dessa forma, com negros/as, posta pelo autor, esquece que não é só os negros que gostam de carnaval, que joga no jogo do bicho, que são cafetões, que são bandidos, malandros, prostitutas. Muitos brancos fazem as mesmas coisas, desenvolvem as mesmas atividades, mas, não são tratados ou vistos dessa forma.

Ao nos depararmos com essas contradições, é importante nos questionar. Um/a negro/a pode ser médico? Um professor/a doutor/a de uma universidade? Residir em um bairro nobre da cidade ou em um condomínio de luxo? São esses tipos de indagações que nos fazem refletir e problematizar a sociedade preconceituosa e discriminatória a qual vivemos, e que se diz uma sociedade não racista, sem desigualdades raciais.

2.2. PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

O Brasil é considerado o país da democracia racial¹⁶, sendo que a realidade que vivemos é outra totalmente diferente. A realidade que enfrentamos hoje é a cultura do preconceito, da discriminação e do racismo, como ratifica Heringer (2002), nossos jovens são quem mais sofrem com essa realidade. Essas práticas são visíveis e de grave consequência para os jovens e para toda população afro-brasileira.

O Brasil encontra-se entre as maiores economias do mundo e foi considerado, ao longo de várias décadas, o país da “democracia racial”. Entretanto, embora nunca tenha se consolidado no país um regime de segregação racial legal e formal, a realidade brasileira é outra. As distinções e desigualdades raciais são contundentes, facilmente visíveis e de graves consequências para a população afro-brasileira e o país como o todo (HERINGER, 2002. p. 58).

É colocado em evidência que, aos olhos dos outros países o Brasil, foi considerado como país democracia racial, mas, nos perguntamos que democracia racial é essa? Como podemos observar as discussões ao decorrer deste capítulo, vemos que desde a colonização o Brasil emite preconceito, discriminação, ou seja, as práticas daquela época refletem até hoje, um país o qual tem uma sociedade racista, onde sofre consequências da escravização brasileira, do patriarcado, colonialismo e capitalismo.

O racismo vem sendo velado, pois o preconceito e a discriminação são visíveis, as discussões anteriormente deixam bem claro isso, mas, a sociedade obstrui sua visão em relação a esses aspectos. Os dados exibidos anteriormente mostram que, no Brasil os negros continuam em desigualdade em relação aos brancos, nos aspectos de pobreza, mercado de trabalho, saúde e educação, dentre outros aspectos não mencionados. É por isso que a autora coloca o tema democracia racial entre aspas, pois infelizmente isso não existe, ou seja, a nossa sociedade anda longe de ser uma sociedade não racista.

Ressaltando um pouco sobre as desigualdades raciais, as mesmas constituem um fenômeno antigo no Brasil, Martins (2004) confirma que essas desigualdades vêm demonstrando uma grande persistência.

É claro que as marcas dessas disparidades são visíveis por toda parte, e se manifestam com grande clareza, tanto na presença maciça dos negros nas

¹⁶ “O mito da democracia racial, portanto, não poderia ser interpretado apenas como “ilusão”, pois em grande medida fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos” (GUIMARÃES, 2006. p. 269).

situações indesejáveis (como, por exemplo, nas favelas, nos bolsões de miséria, nas piores ocupações, etc) como na sua ausência quase absoluta nos lugares e situações sociais mais desejáveis (como os bairros ricos ou de classe média alta, as universidades, as posições de comando e decisão, as ocupações de prestígio e de alta remuneração, etc) (MARTINS, 2004. p. 11).

É ressaltada exatamente a situação social dos negros/as hoje, em relação a eles permanecerem nessa situação, é justamente o reflexo da colonização, a forma de como os negros/as foram tratados naquela época. É também reflexo dos dados postos anteriormente nos aspectos de pobreza e mercado de trabalho, onde observamos que a maioria das pessoas que possuem estabilidades financeiras, são funcionários públicos e são de pele branca

É com essa desigualdade racial extremamente visível que, abre-se o debate sobre preconceito. E ao debatemos sobre o mesmo, levamos em consideração a denominação de preconceito expressa por Heller (2014), ao apontar que o preconceito é uma categoria do pensamento do comportamento cotidiano do ser humano. A mesma ratifica também que, quem não se liberta dos seus próprios preconceitos, seja ele artístico, científico e político acaba fracassando, inclusive fracassa pessoalmente. Nesse pensamento conclui-se que, “[...] Até agora, impõe-se-nos a conclusão de que os preconceitos – pelo menos parcialmente – são produtos da sua vida e dos pensamentos cotidianos” (HELLER, 2014. p. 68).

Ao afirmar que os preconceitos são produtos da vida e dos pensamentos cotidianos, nos quer dizer que, o preconceito racial é uma escolha e sociacilização, a qual nos permite fazer ou não um pré-julgamento das pessoas, isto é, principalmente um pré-julgamento dos negros.

O preconceito é quando ao vermos um jovem negro sem camisa na rua ao olhar, automaticamente deduzimos que ele é um assaltante, é quando olhamos uma mulher negra com seu filho, sobrinho ou algum parente no colo e deduzimos que ela é uma babá, é ver um empresário negro ao final do seu expediente em shopping e não deduzir que ele é um segurança do shopping. São esses e outros pensamentos do nosso cotidiano que nos faz ser preconceituosos. Por isso o preconceito é uma questão de escolha e sociacilização, pois não nascemos preconceituosos, aprendemos a ser, da mesma forma, aprendemos a não ser a qual é a melhor decisão a se tomar.

Apontamos aqui que o preconceito é tão naturalizado e arraigado na sociedade que pode ser reproduzido inclusive pelas próprias pessoas negras. Isto expressa o quanto o racismo é estruturante das relações sociais na sociedade.

Não podemos falar de preconceito racial sem ressaltar a discriminação racial, pois ambos andam lado a lado. O preconceito racial é comum no Brasil. Segundo Theodoro (2017)

o preconceito racial se entende como fenômenos de ordem subjetiva, expressando-se por meio de valores, ideias e sentimentos. E a discriminação racial é entendida pelo mesmo, como ação de exclusão, ou seja, ocorrida principalmente com os jovens negros brasileiros, fazendo com que os mesmos se afastem do meio social em que vivem. Convivemos com a desigualdade entre negros e brancos, isto é, uma desigualdade racial e muitos pensam que é fruto somente de um problema social, não do preconceito.

A literatura recente tem ressaltado a diferença entre o preconceito racial e a discriminação. Enquanto o preconceito racial, e mesmo racismo, têm sido classificados como fenômenos de ordem subjetiva, expressando-se por meio de valores, idéias e sentimentos, a discriminação racial tem sido entendida como ação de exclusão, restrição ou preferência que impedem o tratamento ou acesso igualitário a direitos e oportunidades em função da cor. E a própria discriminação, enquanto ato de distinção e exclusão, expressar-se por intermédio de diferentes formas, na vida social (THEODORO, 2007. p. 113)

A discriminação como é afirmado anteriormente na citação é uma ação, é quando deixamos de contratar uma pessoa, pelo simples fato de sua cor de pele ser negra, e então, contratamos uma pessoas de pele branca, outro exemplo também, é nos campos de futebol brasileiros, onde a torcida faz xingamentos discriminatórios aos jogadores¹⁷. É essas atitudes que Theodoro (2007), vai chamar de ação, denominada de discriminação racial.

Tanto o preconceito racial como já foi ressaltado anteriormente, quanto a discriminação racial, em nossa consciência e vivência como pessoas adultas na sociedade, são frutos das nossas escolhas, nós podemos sim escolher ser uma pessoa preconceituosa a qual discrimina, isto é, exclui pessoas por sua etnia. Como também, podemos escolher ser pessoas a qual diz não ao racismo, ao preconceito racial e a discriminação racial, de forma que nos conscientize do que é certo e do que é errado, e que não possamos não ser só uma pessoa preconceituosa racista, mas, que possamos ir além, que possamos repassar esse pensamento para as demais pessoas.

¹⁷ O site Nova Escola, em 01/09/2014 pública uma matéria cujo tema é “casos de racismo e discriminação” pela colunista Laís Semis. Onde a mesma vai relatar situações e ações discriminatórias e racistas, a matéria chama atenção para casos ocorridos no futebol, a exemplo, e ressaltado o caso que aconteceu no jogo entre os clubes brasileiros Santos e Grêmio pela copa do Brasil, onde a torcida do Grêmio xingaram o goleiro do Santos de Aranha, a matéria deu ênfase, em relatar que a torcedora gremista Patrícia Moreira foi flagrada pelas câmeras da transmissão, gritando ‘Macaco’.

Acessar a notícia em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3412/casos-de-racismo-e-discriminacao>

3. JUVENTUDE NEGRA E OS DESAFIOS NO ESPAÇO ESCOLAR E NA SOCIEDADE

Os/as jovens negros/as têm uma certa resistência para se declararem ou se reconhecerem como negros/as. Essa resistência pode estar relacionada ao preconceito e a discriminação racial que os/as mesmos/as podem sofrer. Como foi ressaltado anteriormente, tanto a discriminação racial, quanto o preconceito é uma ação de exclusão social, ocorrida principalmente com a população negra. Esse fato acontece tanto na sociedade em si, como foi ressaltado anteriormente, quanto na escola, como também na mídia, no livro didático, no currículo escolar e nos meios de comunicação. Os/as jovens negros/as sofrem preconceitos no ambiente escolar escamoteado em diversas ações, muitas vezes com a conotação de brincadeiras. Outras por meio de comentários pejorativos aparentemente despretensiosos e algumas vezes pela negação de suas identidades culturais.

São essas e outras situações enfrentadas pelos/as mesmos/as que impedem sua afirmação na escola, para que não venha sofrer preconceito e discriminação, ou até mesmo, apenas amenizar essas situações. Ao se negarem negros/as, os/as jovens expressam não apenas uma resposta individual, mas um processo de vivência social de negação da história e ancestralidade dos povos negros na sociedade brasileira.

É importante ressaltar o processo de consciência é quando passamos a ter consciência sobre um determinado assunto, ou até mesmo sobre uma determinada situação. Ou seja, é quando passamos a ter conhecimento sobre determinado assunto e a partir daí temos outros posicionamentos. Quando temos consciência do processo de afirmação racial, passamos a compreender que existe uma cultura negra, a qual é muito importante, pois sabemos que cultura trazida pela população escravizada, embora que sucinta, ainda é presente no Brasil.

São esses fatores que a juventude negra enfrenta, tanto na sociedade em si, quanto na escola. Mais adiante, vamos observar detalhadamente esses desafios, através de uma pesquisa realizada com jovens das turmas de 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Padre José de Anchieta, no município de Serra do Mel/RN.

3.1. JUVENTUDE NEGRA E O ESPAÇO ESCOLAR.

Mediante as discussões anteriores em relação a discriminação racial e preconceito racial enfrentados por jovens negros/as, traz-se em questão essas vivências no espaço escolar. Antes de debatermos sobre como está sendo essa vivência, é importante saber se há uma educação voltada para a educação étnica/racial nas escolas, ou seja, como está sendo a

proposta pedagógica das escolas, e se está atendendo ou não às diretrizes para educação étnica/racial.

A proposta educacional que não está voltada para a promoção das relações étnico-raciais não é constituída porque esse projeto incomoda, desestrutura as relações e abala a compreensão de uma sociedade igualitária, que, na verdade, é dividida e estratificada em classe, principalmente, em cor e raça. (FERREIRA, 2014. p. 85)

Sabemos que fazemos parte de uma sociedade capitalista, a qual também é regida pelo racismo institucional, onde o branco/a tem mais vez que o negro/a, como pode-se observar nas discussões anteriores. Não diferenciando do meio social, o espaço escolar também é regido dessa forma. Tal dimensão é evidenciada na negação histórica e resistência quanto ao diálogo ampliado da história e cultura afro-brasileira o que gera a necessidade de reflexões e planejamentos por partes de docentes e gestão escolar.

O ambiente escolar, um dos responsáveis pela formação ideológica dos estudantes, continua a apresentar uma triste realidade em que as diferenças étnico-culturais não são respeitadas, difundindo preconceitos e práticas racistas por todo o país. (FERREIRA, 2014. p. 84 – 85).

É justamente nessa formação ideológica, que falta o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Como salienta o autor, a escola é a responsável por essa formação, mas, algumas deixam a desejar nesse requisito. Levando em consideração todas essas discussões sobre discriminação racial e preconceito racial no meio social e no espaço escolar, é importante também discutir como o/a jovem negro/a que está inserido na escola, como é essa vivência, quais os desafios que os mesmos enfrentam, dentre outras questões.

Para dialogar sobre este temática tomaremos como base uma pesquisa realizada com os/as jovens de 2 turmas de 3º ano do Ensino Médio, visto que a referida escola só dispõe apenas de 2 turmas de 3º ano do Ensino Médio e que a faixa etária dos alunos dispõe um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto abordado. A referida pesquisa dispôs de local de realização a Escola Estadual Padre José de Anchieta, no município de Serra do Mel/RN. A escolha da referida escola se deu pelo fato de que no município de Serra do Mel, o ensino médio só é ofertado na mesma.

O percurso metodológico foi realizado de maneira que, na primeira parte da pesquisa, foi aplicado um questionário (Apêndice A), para 56 jovens objetivando conhecer um perfil inicial do público objeto da pesquisa, observando os elementos de idade, religião, renda

familiar, raça/etnia, situação conjugal, situação de moradia, pessoas que sofreram preconceito, tipos de preconceitos e locais de preconceito. A escolha de aplicação de questionários nessa primeira fase da pesquisa deu-se por ser um método seletivo, ou seja, foi a partir dos resultados obtidos através dos mesmos que houve a seleção dos/as jovens para a segunda fase da pesquisa.

Ao tabular os dados obtidos através dos questionários, logramos as seguintes sínteses: As turmas são compostas por uma maioria de 69,6% de meninas, que equivale à 39 meninas, as/os jovens com idade de 17 anos somaram uma maioria de 67,8%, que equivale o numero de 38 jovens, tendo uma maioria de 66%, de afirmação como religião o catolicismo, que equivale ao numero de 37 jovens, possuindo renda de 1 salário mínimo, 58,9% dos/as jovens afirmaram ser de cor/raça parda, resultando o numero de 33 jovens, 69,6% dos/as jovens afirmaram estar em situação conjugal solteira, residentes de casa própria na zona urbana, correspondendo ao numero de 39 jovens. 39,2% dos/as jovens afirmaram sofrer preconceito, resultando um numero de 22 jovens. 32,1% das pessoas que afirmaram sofrer preconceito são mulheres, correspondendo ao numero de 18 meninas, pois a turma tem como maioria mulheres, 25% dos/as jovens que afirmaram sofrer preconceito, afirmaram também ter como principal preconceito o cultural, correspondendo ao numero de 14 jovens, e 90,9% dos/as jovens afirmaram que o principal local de vivência do preconceito é o espaço escolar, resultando um numero de 20 jovens.

Mediante ao questionário foi observado também, que a escola oferece de forma sucinta, discussões sobre relações étnico-raciais. Mediante a duas perguntas¹⁸ do questionário, a maioria dos/as jovens responderam que sim, através de realizações de projetos. Os mesmos afirmaram também que, a frequência de realização desses projetos é apenas em datas específicas.

Ainda sobre a aplicação do questionário, em duas perguntas¹⁹ sobre a identificação de imagens de pessoas negras nos livros didáticos e de que formas as mesmas são retratadas. A resposta de 83,9% dos/as jovens foi que, essas imagens são vistas poucas vezes em alguns livros, essa porcentagem corresponde ao numero de 47 jovens. 80,8% dos/as jovens que identificou que as ‘imagens são vistas poucas vezes’, identificaram também que essas imagens são retratadas apenas de forma que relacionam com a escravidão, correspondendo ao numero de 38 jovens. Mas, 19,2% dos/as jovens identificou que, essas imagens são retratadas

¹⁸ As perguntas mencionadas são as de número 13 e 14, disponíveis no questionário (Apêndice A).

¹⁹ As perguntas mencionadas são as de número 15 e 16, disponíveis no questionário (Apêndice A).

de forma que representam a diversidade religiosa e cultural, correspondendo ao numero de 9 jovens.

3.2 A CONSCIÊNCIA COMO AFIRMAÇÃO E NEGAÇÃO DA CONDIÇÃO DE SER JOVEM NA SOCIEDADE.

Ao discutimos sobre a consciência do/a jovem negro/a de afirmar ou negar sua negritude, é importante nos apropriarmos do conceito de consciência. O processo de consciência, é quando passamos a ter consciência sobre um determinado assunto, ou até mesmo sobre uma determinada situação, é como amadurecemos e a partir daí remete à consciência para novas formas de contradições, isto é, novos posicionamentos em relação à situação ou assunto, expressa Iasi (2011). O mesmo ratifica também que o processo de consciência é um fenômeno, vejamos em sua citação.

Nesse sentido, procuramos entender o fenômeno da consciência como um movimento e não como algo dado. Sabemos que só é possível conhecer algo se o inserimos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ele se tornou o que é; assim é também com consciência: ela não ‘é’, ‘se torna’ (IASI, 2011. p. 12)

A partir do pensamento de Iasi (2011) podemos observar, que quando o indivíduo nasce, ou até mesmo quando crianças, não têm a consciência da cor das pessoas e nem que se existe preconceito por causa disto. É a partir, do conhecimento, isto é, a partir da consciência, do amadurecimento sobre essa cor que passa a existir o preconceito e discriminação.

É também, a partir da consciência que, o individuo passar a ter outros posicionamentos em relação a novos conhecimentos. Na medida em que o mesmo vai obtendo novos conhecimentos, ele vai tendo novos posicionamentos. Iasi (2011) vai continuar afirmando. “Outras informações chegam ao indivíduo, não pela vivência imediata, chegam já sistematizadas na forma de pensamento” (IASI, 2011. p. 17). São justamente essas informações, ou seja, esses conhecimentos que chegam aos jovens, os pensamentos formados, isto é, os discursos, conceitos prontos sobre racismo, discriminação racial e preconceito racial.

O mesmo continua afirmando que na medida em que o indivíduo vai tendo a consciência, isto é, vai tendo novos conhecimentos, o mesmo vai criando base, ou seja, vai construindo sua personalidade, e também vai se adaptando à sociedade, e nessa construção vai fazendo também uma relação entre seus novos pensamentos e a sociedade a qual está inserido. E ao passar pelo processo de consciência e conseqüentemente pela construção da

personalidade e adequação a sociedade, o indivíduo interioriza em si, os valores como afirma o autor, isto é, o indivíduo interioriza as concepções construídas com base em sua consciência e pela adequação na sociedade em que faz parte.

Exemplo disso os/as jovens negros/as ao passar por esse processo de consciência e conseqüentemente pela construção de sua personalidade e/ou identidade, adequando-se a sociedade a qual pertence, é comum o jovem se afirmar negro/a ou se negar. Pois, quando o mesmo passa a obter conhecimentos formados sobre o racismo, a discriminação racial e o preconceito racial, o mesmo vai se afirmar e lutar contra isso, ou seja, vai lutar contra as concepções impostas pela sociedade a qual está inserido.

Como também, o/a jovem negro/a pode passar por todo esse processo ressaltado por Iasi (2011), se negar, ou seja, negar-se ser negro, pois, ao ter a consciência, isto é, ao se apropriar dos conhecimentos de racismo, discriminação racial e preconceito racial, o mesmo sabe os desafios enfrentados, e se nega a lutar, pois, se negando, pensam eles que, amenizam as situações de discriminação e preconceito racial vivenciada por jovens negros/as, então, eles se deixam interiorizar pelas concepções dadas pela sociedade a qual está inserido.

Na segunda parte da pesquisa, foi ministrada uma oficina (Apêndice B), a qual teve como objetivo analisar quais as principais expressões de preconceito vivenciado por jovens negros/as, abordando o tema preconceitos e discriminação racial, observando os fatores de afirmação e negação da identidade racial entre os/as jovens, identificando os principais espaços de vivência de discriminação racial apontados pelos mesmos e estimulando-os a conscientização sobre o tema abordado. A oficina foi realizada com 21 jovens, sendo meninos e meninas de cor/raça negro/pardo, selecionados/as através dos dados obtidos pelo questionário na primeira parte da pesquisa.

O percurso metodológico da oficina foi composto por quatro momentos. O primeiro momento aconteceu às apresentações, em seguida, foi passado um primeiro questionário (Apêndice C). No segundo momento, houve uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos em relação ao negro/a, através da pergunta norteadora. No terceiro momento, foi explicado para a turma o conceito de preconceito racial, discriminação racial, o ser negro, através de slides e vídeos relacionados aos temas abordados, disponibilizando também a letra da música de reggae “Barrados no Baile” do cantor e compositor Edson Gomes, a qual foi feita uma análise. Em seguida foi a socialização da turma, mediante a todo percurso anterior, dispondo de uma roda de conversa. E no quarto e último momento, foi aplicado novamente um segundo mini questionário (Apêndice D).

Ao passar o primeiro questionário²⁰ 12 alunos afirmaram ser negros/as e 9 afirmaram não ser negros/as. Dos 12 que afirmaram ser negros/as, 5 disseram que sofriam preconceito pela sua cor. No decorrer da oficina foi lançada a pergunta o que eles entendiam por ser negro/a, nessa hora todos/as ficaram em silêncio, apesar de 12 jovens se afirmarem negros/as, na hora que foi lançada a pergunta, ninguém soube responder.

Foi passado slides com conceitos de preconceito racial e discriminação racial, acompanhados de explicações. Em seguida foi passado 3 vídeos, o primeiro²¹ era crianças com uma boneca branca e outra negra, as quais diziam qual a boneca mais bonita, a feia, a má, a boa, e assim sucessivamente. O segundo vídeo²² foi um teste de imagem onde foi mostrado imagens para um grupo de Recursos Humanos de uma empresa, onde eles avaliavam imagens de pessoas brancas e negras, ambas desenvolvendo as mesmas atividades. E o último vídeo²³, onde era de um jovem negro rep, que mostrava seu posicionamento ao escutar frases racistas vindas da sociedade.

Após passar os 3 vídeos, deu-se início a uma roda de conversa, onde os/as jovens começaram a socializar suas observações mediante as explicações dos conceitos e principalmente aos vídeos assistidos. Muitos/as logo conseguiram associar os vídeos com os conceitos apresentados, principalmente o preconceito racial, o qual é um pré-julgamento, isto é, uma idéia antecipada.

Teve relatos de um jovem do gênero masculino que não é negro que não sofre preconceito, mas, que presenciou uma situação de preconceito com um amigo, um jovem relatou que ficou calado, mas que sentiu. O preconceito foi expresso como se fosse uma brincadeira, por isso ficou calado, mas adiantou que se fosse com ele não teria gostado. Um jovem de gênero masculino se posicionou em dizer que mediante os vídeos e as explicações o preconceito racial ao começar nas crianças não sendo combatido desde cedo tem repercussão na vida adulta levando também para a profissional. Uma jovem do gênero feminino falou que

²⁰ O questionário é composto por três perguntas:

- 1- Você se identifica como negro?
- 2- Você é discriminado e sofre preconceito por ter a cor preta?
- 3- Quais os principais espaços que você é discriminado ou sofre preconceito?

²¹ Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CdoqqmNB9JE>

²² vídeo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=5F_atkP3pqs

²³ Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=PodpcAoOB20>

no decorrer da explicação e dos vídeos percebeu que sofria preconceito e discriminação e não sabia.

Ao terminar a roda de conversa foi passado o segundo questionário²⁴, onde tinha a mesma pergunta, se os/as jovens se declaram negros/as. 18 jovens afirmaram ser negros/as, desses 18 que afirmaram 6 responderam que se afirmavam por causa da sua cor, e os outros 15 responderam que os fatores os quais levavam eles/as a se afirmarem era por ter passado a ter conhecimentos sobre o preconceito, a discriminação, e também por ter tido conhecimentos em relação aos seus descendentes, isto é, por saberem que são afro-brasileiros, por se orgulharem da própria cor, por sua família ser negra, por se sentir bem e bonito por ser negro/a, por não ligar com opiniões contrárias, por bater de frente com o preconceito e com a discriminação por mais difícil que fosse, e por ser a melhor forma de resistir.

Por fim, 13 jovens homens e mulheres responderam que mediante toda a oficina tinha ocorrido uma mudança em suas concepções em relação ao ser negro. Falaram que não sabiam se posicionar em relação a algumas situações de preconceito e discriminação racial, que a oficina ajudou a ter outros pensamentos e principalmente a se afirma como negro/a, que fez refletir sobre algumas brincadeiras praticadas pelos mesmos, alguns ditados populares preconceituosos, e principalmente a serem pessoas melhores sem ser racistas.

A cada passo, o novo ser vai criando a base sobre a qual se estruturará seu psiquismo e sua personalidade, ao mesmo tempo em que se amolda à sociedade da qual está interiorizando as relações e formando, a partir delas, a consciência de si e do mundo. Evidente que aquilo que fica interiorizado não são as relações em si, mas seus valores, normas, padrões de conduta e concepções. (IASI, 2011. p. 20-21).

Mediante a segunda parte da pesquisa, podemos observar em seus resultados o processo de consciência e conseqüentemente a construção de personalidade e/ou identidade dos/as jovens da Escola Estadual Padre José de Anchieta. Fazendo-se uma relação com o que o autor explica em sua citação, é visível esse processo ao decorrer da oficina e principalmente, nos resultados, pois, a diferença antes e depois da explicação sobre discriminação racial, preconceito racial e os vídeos são visivelmente vistas nos/nas jovens.

²⁴ O segundo questionário é composto posto por as seguintes perguntas:

1. Você se declara Negro?
2. Quais os fatores de sua afirmação da identidade negra?
3. Quais os fatores de sua negação da identidade negra?
4. Mediante o vídeo e a roda de conversa, houve alguma mudança na sua concepção do que é ser negro? Por quê?

No primeiro momento apenas 12 jovens afirmaram ser negros/as, e quando foi perguntado o que eles entendiam por negros/as, os/as jovens permaneceram em silêncio. Já no terceiro momento, após a explicação e os vídeos, na roda de conversa, os/as jovens relataram várias coisas, isto é, começaram a falar, a dialogar, a expressar o que entendia pelo assunto, começaram a relacionar situações vivenciadas pelos mesmos.

E por fim quando se passou o segundo questionário, em vez de 12, foram 18 jovens que se afirmaram negros/as. Portanto, podemos perceber que neste caso, o processo de consciência em relação ao racismo, a discriminação racial e o preconceito racial fez com que os/as jovens das turmas de 3º ano da EEPJA, se afirmassem negros/as, e como um dos jovens relatou, que se afirmando era uma forma de resistir o racismo, a discriminação racial e o preconceito racial.

3.2.1 IDEOLOGIA E CULTURA NEGRA.

Nesse contexto, é importante trazer a discussão sobre a ideologia do negro e do mulato, mostrando assim, a consciência dos mesmos em relação a seu corpo e da sua personalidade. Eles são influenciados, marcados pela forma que são tratados e pelas concepções que os brancos têm a seu respeito. Ratifica Ianni (2004).

O aspecto mais visível da ideologia racial do negro e do mulato refere-se ao branqueamento. Branquear é o ideal permanente. Muitos querem “clarear”, “melhorar a raça”, “enxertar”, etc. A mulata não quer nunca ser confundida com a negra. Quando vai casar-se, declara no cartório: “de cor mista”; e estará provavelmente casando-se com um branco ou uma pessoa mais clara que ela. O negro, quando pobre, aceita casar-se com a negra, mas “quando é doutor, quer uma branca para esposa”. “se eu fosse mais clarinho e tivesse instrução estaria no Lyra”, afirma um mulato. Quando é boa sua posição social, “nem brasileira quer mais”, quer loira ou estrangeira. Aliás, o mulato geralmente admite ser chamado “mulato” ou “moreno”, mas nunca quer ser confundido com um “preto” e muito menos com um “negro”. O negro, por sua vez, admite ser chamado “preto”, “de cor”, mas jamais de “negro” (IANNI, 2004. p. 96).

Então, existe esse tipo de ideologia, pois alguns negros/as e mulatos/as como já foi citado, são influenciados pelos pensamentos dos brancos e também pelo racismo, preconceito e discriminação racial que os mesmos sofrem diariamente. Eles preferem ter o mesmo pensamento, adotar a política do branqueamento, do que enfrentar e lutar. Pode-se afirmar que não são todos os/as negros/as e mulatos/as que têm essa ideologia, pois muitos lutam contra o racismo, contra o preconceito e a discriminação racial. Existe a resistência contra essa

ideologia, diariamente negro/as lutam contra esse pensamento branqueado e burguês e se declaram negros/as, resistindo ao racismo.

Diante de tudo que já foi discutido, é importante também ressaltar a cultura negra, refletir sobre a mesma é considerar a história por um grupo sociocultural específico: os descendentes de africanos escravizados no Brasil. Se partirmos do pressuposto de que o nosso país, hoje, é uma nação miscigenada, diríamos que a maioria da sociedade brasileira se encaixa nesse perfil, ou seja, uma grande parte dos brasileiros pode se considerar descendente de africanos. Porém, refiro-me aqui ao grupo étnico/racial classificado socialmente como negro, expressa Gomes (2003). Então, observa-se que a história do/a negro/a vem da formação do Brasil, como observamos nas discussões anteriores no início do referido trabalho, onde se pode compreender de quem os mesmos são descendentes, isto é, compreender assim, sua história biológica.

A cultura Afro Brasileira ressaltada por Gomes (2013) apesar de ser importante para os brasileiros especificamente para o grupo étnico/racial, ou seja, os negros, não é tão aceita como era pra ser. Tanto na religião e na educação, quanto na mídia, à mesma é invisibilizada. Nas discussões mais adiante, iremos ver detalhadamente como se expressa essas negações, ou seja, iremos observar os fatores que levam à essa negação.

A invisibilidade da cultura afro-brasileira é, entre outros fatores, ocasionada pela presença de uma maioria branca nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil, sendo que a política imigratória de colonização trazia a ideia de branqueamento progressivo da população, planejado pelo governo imperial. (MÜLLER JR e PROBST, 2007. p. 164).

. A cultura afro brasileira é negada também na religião, ou seja, as religiões de matrizes africanas são invisibilizadas e vítima de distintos preconceitos na sociedade e intolerâncias religiosas. O autor Prandi (1995) ressalta como essa cultura era e é negada na religião.

Os negros que se incorporaram ao movimento de formação das religiões afro brasileiras, ao longo do tempo, foram sempre minoria, contudo. A maior parte dos descendentes dos antigos escravos deixou os velhos deuses africanos para trás, aderindo à sociedade do branco, munida unicamente da religião branco. (PRANDI, 1995. p. 118).

Evidencia-se o fator da negação da cultura afro na religião, que é a adesão dos negros/as a religião dos brancos/as, ou seja, como foi dito anteriormente, pela predominância da cultura branca, as religiões matrizes africanas eram praticadas por uma minoria, pois a

maioria dos descendentes aderiu às religiões dos brancos/as, sendo que algumas dessas religiões matrizes africanas foram branqueadas, a exemplo a Umbanda, para ser aceita e incorporada a sociedade industrial no começo do século passado . Tendo em vista que, na época da colonização brasileira, os portugueses trouxeram para o Brasil os jesuítas, os quais tinham a função de catequizar os/as índios e negros/as escravizados, desde então, não se podia praticar outra religião a não ser o catolicismo, percebe-se que esta negação vem de muito tempo, a qual perpassa até os dias atuais.

Mas, é importante ressaltar que, tanto os/as índios e quanto principalmente os/as negros/as escravizados trazidos da África, tinham suas religiões e seus deuses. Partindo dessa afirmação, leva-nos as indagações se os negros/as africanos/as resistiram a essa religião imposta pelos portugueses? E se houve essa resistência, de que forma aconteceu? Respondendo as indagações, afirma-se que os negros/as resistiram sim à religião imposta pelos portugueses através dos jesuítas²⁵.

A forma que eles se depuseram para cultuar os seus deuses/as de suas religiões foi através do sincretismo, a população negra escravizada, transformavam seus deuses em santos católicos, de forma que os mesmos colocavam pedras de cores que representassem cada orixá, para que assim pudessem cultuá-los aos seus deuses, a exemplo de N. Sra da Conceição como Iemanjá; São Jorge como Ogun; São Sebastião Oxossi; Santa Bárbara como Iansã; São João como Xangô; Jesus como Oxalá, dentre outros.

A cultura afro também foi negada na educação, de forma que só era lembrada em datas específicas, a exemplo, dia 20 de novembro, o que se comemora o dia Nacional da Consciência Negra. Data essa, marcada pela morte de Zumbi dos Palmares, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, que foi o maior dos quilombos do período colonial e símbolo da resistência negra no Brasil. Para que essa negação viesse a diminuir na escola, foi criada a lei 10.69/03. Müller Jr e Probest (2017) explicam em sua discussão.

Frente a essa “invisibilidade” histórica surge a Lei 10.639/03 que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana. Tão logo, os educadores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, história essa em que os negros são tidos como sujeitos históricos. (MÜLLER JR, PROBEST, 2017. p. 170).

²⁵ Desde sua formação em solo brasileiro, as religiões de origem negra têm sido tributárias do catolicismo. Embora o negro, escravo ou liberto, tenha sido capaz de manter no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até hoje, muito de suas tradições religiosas, é fato que sua religião enfrentou-se desde logo com uma séria contradição. (PRANDI, 1995. p. 115)

Com a implementação da referida lei nas escolas, essa negação diminui, pois, tanto os alunos/as, quanto os/as professores passaram a ter conhecimentos relacionados à cultura afro brasileira, apropriando-se da história dos nossos descendentes, e da cultura como um todo trazida de África para o Brasil. É, de grande importância esses conhecimentos, pois, dificulta a existência do racismo na escola, no enfrentamento a atitudes de discriminação e preconceito racial. Ainda debatendo sobre a importância da implementação da lei 10.639/03 nas escolas, é importante ressaltar que a mesma dispõe de reparações, de reconhecimento e valorização, de ações afirmativas voltadas à temática.

A educação das relações étnico-raciais dispõe de aprendizagens no convívio brancos/as e negros/as, havendo assim, uma troca de conhecimento, rompendo as desconfianças, com intuito de construir uma sociedade, justa, igual, equânime. O papel da escola é significativo para a aniquilação das discriminações e para a emancipação dos alunos/as discriminados, disponibilizando conhecimentos especializados em relação a diversidade cultural para os alunos/as e toda comunidade escolar. Com essa perspectiva a mesma, aos poucos irá desfazendo o pensamento racista e discriminatório, superando assim, o etnocentrismo.

A cultura afro brasileira também é negada na mídia, de forma visível. A autora Chaves (2008) discute esses aspectos mostrando que a mídia atual não dá visibilidade ao grupo étnico/racial da população negra e qual padrão de beleza a mesma impõe, expondo como ocorre esse fator na mídia brasileira.

Na mídia do Brasil, o branqueamento é uma forma de identificação, o que se vê na televisão ou nos meios de comunicação de forma geral, é a identidade a qual o brasileiro tem que se submeter. Nota-se que durante todos esses anos o padrão de beleza é o branco, geralmente com traços afilados e cabelos lisos, o que faz com que a estética européia torne-se hegemônica em grande parte da mídia brasileira. Embora os negros já atuem em comerciais, jornais, moda, TV e revistas, é perceptível que o padrão adotado para a escolha dos negros para as campanhas publicitárias ou para a moda brasileira é aquele, com a cor de pele negra, porém com traços afilados e cabelos alisados. (CHAVES, 2008. p. 28).

Evidencia-se aqui, que a negação ocorre pelo fator de uma parcela de negros/as concordarem mesmo que inconscientemente com a cultura do branqueamento. O padrão de beleza posto pela sociedade faz parte da cultura do branqueamento, esse fator torna-se mais visível nas mulheres, que é o padrão de seios volumosos, bumbum empinado, pernas torneadas, cabelos lisos e loiros, olhos claros e pele branca.

Muitas mulheres negras adotam o padrão do cabelo liso e loiro, através de processos químicos, por acharem bonitos daquela forma, desvalorizando seus cachos de cor preta. Esse fato era recorrente na mídia, víamos muitas atrizes, apresentadoras, reportes adotando este padrão, mas, na atualidade esse fato tem minimizado, ou seja, tem se tornado um pouco comum, algumas atrizes, apresentadoras jornalistas já resistem aos seus cabelos cacheados, ondulados e crespos. Esse padrão de beleza, mencionado por Chaves (2008) como ‘traços afilados’ é um dos motivos o qual ocasiona a existir mais mulheres brancas de que negras na mídia brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito racial é entendido como um pré julgamento que pessoas têm em relação a outras, é uma primeira ideia sem fundamentos. Como foi mostrado através de dados, no decorrer das discussões do referido trabalho, o Brasil mesmo sendo um país com população em sua maioria negra ou afro descendentes o preconceito racial é bastante corriqueiro.

Não diferenciando do preconceito, a discriminação racial também é bastante freqüente, a mesma é entendida como uma ação de exclusão social, principalmente contra os jovens negros/as brasileiros nos espaços sociais e também no espaço escolar como mostra a pesquisa, fazendo com os mesmos/as venham a se afastarem desses espaços.

É importante ressaltar que o processo de consciência se dá quando se passar a ter consciência de novos posicionamentos em relação à situação ou assunto, esse processo torna-se fundamental para esses jovens, principalmente os negros/as, fazendo com que resistam a essas situações mencionadas no início deste parágrafo, tornando os jovens em geral não transportadores do racismo.

Mediante a toda essa discussão entende-se que, foi de grande relevância a realização da referida pesquisa de campo, pois, pudemos observar o número de jovens negros que não se reconhecem como tais. Que através da aplicação da pesquisa, os jovens negros da Escola Estadual Padre José de Anchieta, ampliaram seus conhecimentos, fazendo-os se reconhecerem negros/as através da sua história, conhecendo seus descendentes, podendo também, de certa forma optar por não ser uma pessoa portadora de preconceitos e discriminações raciais e principalmente sabendo resistir a situações de preconceitos e discriminações raciais através do reconhecimento e da afirmação da sua cor.

A pesquisa é de grande pertinência a sociedade, para que a mesma obtenha discernimento em relação à importância da cultura, e principalmente da história dos nossos descendentes, compreendo e principalmente respeitando de uma vez por todas que somos descendentes da população negra escravizada trazida de África, que nossas raízes são africanas, e que existem situações de preconceito e discriminação raciais no espaço escolar, o qual é responsável pela formação ideológica dos estudantes. Segundo Ferreira (2014) reconhecendo a existências dessas situações, é necessário arcar com soluções cabíveis para que essas situações sejam eliminadas tanto do espaço escolar quanto da sociedade em si, tornando-se uma sociedade que compreenda a diversidade etnico-racial e que nos possibilite caminhar para a equidade.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira**. UniCEUB. Brasília. 2008.

HELLER, Agnes. Sobre os preconceitos. In. _____. (Org.). **O Cotidiano e a história**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 63.

FERREIRA, Bianca Ribeiro de Souza. **Relações étnico-raciais na escola pública**. Revista do programa de Pós- Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública. V. 4, n. 1, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. 23 ed. Revista Brasileira de Educação, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, 2006. p. 269-287.

HERINGER, R. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. Rio de Janeiro, 2002. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(Suplemento): 57-65, 2002.

IANNI, Octavio. A ideologia do negro e do mulato. In. _____. (Org.). **Raças e classes sociais no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 95.

IPEA. Indicadores. In. _____. (Org.). **Retratos das desigualdades de gênero e raça**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores.html>. Acesso em: 24 de junho de 2018.

IASI, Mauro Luis. Reflexão sobre o processo de consciência..In. _____. (Org.). **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 13.

MARTINS, Roberto Borges. **Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente**. 82 ed. CEPAL – SERIE. Santiago de Chile, 2004. p. 11.

MÜLLER JR, Geraldo e PREBST, Melissa. **Invisibilidade da cultura afro-brasileira: um olhar para o Médio Vale do Itajaí/SC**. v. 4, nº 8. Revista Multidisciplinar em Educação, 2017.

PRADO JR, Caio. Vida social e política. In. _____. (Org.). **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Bertrand Brasil. 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Raça e religião**. 42ed. Novos Estudos. CEBRAP, julho 1995, p. 113-129.

.

SILVÉRIO, V, R. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas: Ações Afirmativas e Diversidade Étnico-Racial**. Brasília, 2007. Ministério da Educação: UNESCO, 394 p. - (Coleção Educação para Todos; vol. 5)

THEODORO, M. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas: Raça e Educação: Os Limites Das Políticas Universalistas**. Brasília, 2007. Ministério da Educação: UNESCO, p. 394 . - (Coleção Educação para Todos; vol. 5)

UolEconomia. **Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

APÊNDICE A

(Questionário aplicado na primeira parte da pesquisa)

QUESTIONÁRIO

1 - Idade: _____

2 - Sexo: feminino () masculino ()

3 - Religião:

Não tem () Católica () Evangélica () Candomblé () Umbanda () Espírita ()

Pentecostais () Budista () Outra () _____

4 - Renda familiar:

Menos de um salário mínimo ()

1 salário mínimo = R\$ 937,00 ()

2 salários mínimos = R\$ 1.874 ()

Acima de 2 salários mínimos ()

5 - Raça/etnia:

Negro () pardo () branco () indígena ()

6 - Quantidade de pessoas que reside na sua casa?

2 () 3 () 4 () 5 () 6 () mais que 6 ()

7 - Situação conjugal:

Namorando () casado () solteiro () separado () união estável ()

8 - Filhos: Sim () Não () quantos? _____

9 - Situação de Moradia (Pode marcar mais de uma opção).

() Urbana () Alugada

() Rural () Cedida

() Casa Própria

10 - Já sofreu algum tipo de preconceito?

Sim () Não ()

11 - Se “sim” qual tipo de preconceito?

- ☐ Racial – Cor da pele, tipo de cabelo
- ☐ Cultural – Modo de se vestir, corpo, padrão de beleza
- ☐ Social – Condição econômica
- ☐ Religioso
- ☐ Sexual – Gay, lésbica, travesti, transexual

12- Qual local que você sofreu/sofre preconceito? (pode marcar mais de uma alternativa)

Família ☐ escola ☐ igreja ☐ grupos de jovens ☐ espaços públicos ☐

13 – Em sua vida escolar já teve alguma disciplina, projeto ou atividade relacionada a cultura negra?

- ☐ Sim ☐ Não

14 – Se sim, com que frequência?

- ☐ Regularmente
- ☐ Em datas específicas
- ☐ Via projetos externos

15 – No seu livro didático você identifica imagens de pessoas negras?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Poucas ☐ Somente em alguns livros (Quais?)
-

16 – Se Identifica as imagens nos livros, como esta imagem é representada?

- ☐ Valorizando a cultura e beleza negra
- ☐ Apresentando a diversidade religiosa e cultural
- ☐ Apenas relacionada a escravidão
- ☐ Em espaços não valorizados socialmente.

APÊNDICE B

(Roteiro de Oficina)

ROTEIRO DE OFICINA

➤ **Tema da Pesquisa:**

JOVENS NEGROS/AS: IDENTIDADE PRECONCEITOS RACIAL.

➤ **Duração:**

3 horas.

➤ **Objetivos:**

GERAL: Analisar quais as principais expressões de preconceito vivenciado por jovens negros da Escola Estadual Padre José de Anchieta em Serra do Mel/RN

ESPECÍFICOS:

- Abordar o tema preconceitos e discriminação racial junto aos jovens da Escola Estadual Padre José de Anchieta em Serra do Mel/RN;
- Observar os fatores de afirmação e negação da identidade racial entre os jovens;
- Identificar os principais espaços de vivência de discriminação racial apontados pelos jovens;
- Estimular a conscientização dos jovens sobre o tema abordado.

➤ **Público Alvo:**

A oficina será desenvolvida com alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio. As turmas são compostas por 42 alunos, os quais se declararam negros/pardos.

➤ **Local de Realização:**

A oficina será realizada na Escola Estadual Padre José de Anchieta, no município de Serra do Mel/RN.

➤ **Material Utilizado:**

- Notebook;
- Data show;
- Papel A4;
- Lápis;
- Caixas de som;

➤ **Metodologia:**

A metodologia será composta por quatro momentos. O primeiro momento será apresentação da professora a turma. Em seguida, será passado um primeiro questionário, o qual é composto por três perguntas: 1- VOCÊ SE IDENTIFICA COMO NEGRO? 2- VOCÊ É DISCRIMINADO E SOFRE PRECONCEITO POR TER A COR PRETA? e 3- QUAIS OS PRINCIPAIS ESPAÇOS QUE VOCÊ É DISCRIMINADO OU SOFRE PRECONCEITO?

No segundo momento, uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos em relação ao negro, através da pergunta norteadora: O QUE VOCÊS ENTENDEM POR O NEGRO?

No terceiro momento, será explicado para a turma o conceito de preconceito racial, discriminação racial, o ser negro, através de slides e vídeos relacionados aos temas abordados. Após a roda de conversa, será disponibilizada a letra da música de reggae “Barrados no Baile” do cantor e compositor Edson Gomes, para análise da letra. Em seguida será socialização da turma, mediante as explicações, vídeos e a letra da música, apresentados anteriormente, isto, será uma roda de conversa.

No quarto momento e último, será aplicado novamente um segundo mini questionário, com as seguintes perguntas VOCÊ SE DECLARA NEGRO? QUAIS OS FATORES DE SUA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA? QUAIS OS FATORES DE SUA NEGAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA? MEDIANTE O VÍDEO E A RODA DE CONVERSA, HOUVE ALGUMA MUDANÇA NA SUA CONCEPÇÃO DO QUE É SER NEGRO? POR QUÊ?

APÊNDICE C

(Questionário I da oficina)

QUESTIONÁRIO I

- VOCÊ SE IDENTIFICA COMO NEGRO?
SIM () NÃO ()

- VOCÊ É DISCRIMINADO E SOFRE PRECONCEITO POR TER A COR PRETA?
SIM () NÃO ()

- QUAIS OS PRINCIPAIS ESPAÇOS QUE VOCÊ É DISCRIMINADO OU SOFRE PRECONCEITO?
ESCOLA () FAMÍLIA ()

APÊNDICE D

(Questionário II da oficina)

QUESTIONÁRIO II
- VOCÊ SE DECLARA NEGRO? SIM () NÃO () - QUAIS OS FATORES DE SUA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA? _____ _____ _____ - QUAIS OS FATORES DE SUA NEGAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA? _____ _____ _____ - MEDIANTE O VÍDEO E A RODA DE CONVERSA, HOVE ALGUMA MUNDANÇA NA SUA CONCEPÇÃO DO QUE É SER NEGRO? POR QUÊ? _____ _____ _____ _____